

In: ARTE, ECOSSISTEMAS E SABERES.

Org: Lola Fabres e Luciano Nascimento

INTENSÕES E EXTENSÕES – Um comentário sobre os métodos

Jorge Bassani

[Coordenador GeMAP / FAU-USP]

RESUMO

Este ensaio apresenta algumas questões sobre os métodos. Mais do que respostas metodológicas, quero expor os desafios metodológicos quando nos propomos a articular extensão e pesquisa, não somente como apoio circunstancial de uma à outra, mas sim como atividades fim. O território é o Jardim Gaivotas, Grajaú, margens da Represa Billings; o contexto é uma intervenção urbana e a reivindicação da comunidade pela gestão de uma área no futuro parque; o enunciado é a formação de sujeitos locais a partir dos saberes locais. Território + contexto + enunciado se tornam caso de extensão articulada com pesquisa quando coletivos do Gaivotas organizados na Associação Imargem (AI) convidam o Grupo de Estudos Mapografias Urbanas (GeMAP) para discutir encaminhamentos para os debates e as ações deste enunciado sobre o território. O desafio metodológico: como incidir sem interferir nas pulsações do território? Como promover diálogos participativos e subjetivações nos dois grupos falantes na construção de um comum?

Palavras-chave: Território; pesquisa e extensão; métodos e procedimentos

TERRITÓRIOS [UNIVERSIDADE / COMUNIDADE]

O Jardim Gaivotas fica numa península na Represa Billings, distrito do Grajaú em São Paulo. A partir do Ateliê da Margem, a “casinha”, a menos de 100 metros da borda da água, a Associação Imargem que reúne quatro coletivos do território (*Imargem*, *Navegando nas artes*, *O que cabe no meu prato*, *Roda de afetos e arte*) atua intensamente na área de educação informal (mas em parcerias com as escolas públicas) de crianças e jovens do bairro há mais de uma década. São quatro frentes de trabalho: arte urbana, navegação a vela, permacultura, alimentação saudável.

Na margem leste da represa a Prefeitura de São Paulo realiza uma grande intervenção do Programa Mananciais, o Parque Linear da Billings entre o Cantinho do Céu (etapa inaugurada em 2010) e o Jardim Gaivotas. Com a chegada das obras e as primeiras remoções no bairro, a Associação Imargem contatou a prefeitura reivindicando uma área no parque para gestão da comunidade e realização de suas atividades. Com a disposição da prefeitura para abrir as negociações, a AI convidou o Grupo de Estudos

Mapografias Urbanas (GeMAP) para participar do debate, da união surgiu o projeto *Praça de Aulas*, realizado entre 2022 e 2025 com financiamento do CNPq.

O GeMAP é um grupo de pesquisa e extensão formado em 2010, sediado na FAU-USP, com foco em estudos territoriais por meio de representações. O GeMAP encontrou o Imargem em 2016 quando realizava trabalhos de extensão na região da Billings. Desde então, trabalham em parceria tendo como objetivos os estudos dos territórios periféricos, suas expressões e o próprio território como articulador de propostas em educação, meio ambiente e artes.

A chegada da intervenção pública e a reação do território reivindicando a incidência da comunidade na gestão do novo parque, lançou as atividades, cotidianas, contínuas e territorializadas, da AI a outras escalas de atuação dos coletivos do Gaivotas no território. Com uma longa trajetória dialógica do Imargem com o GeMAP, conhecendo bem as áreas de interesses e o alinhamento dos dois grupos sobre diversos temas, o coletivo do gaivotas chamou o grupo de pesquisa da universidade para discutir o projeto. É muito importante ficar explícito como e com quais objetivos se deu este chamamento.

Primeiro esclarecer para o que não foi: O GeMAP não foi chamado para realizar assessoria de projeto urbano, desde o início das negociações a PMSP deixou claro que todo o projeto ficaria a cargo do escritório contratado. O grupo universitário também não foi chamado para dar suporte ou intermediar as negociações, o Imargem tem consciência política da atuação comunitária e sempre se colocou, a partir da comunidade, como protagonista nestas negociações. Finalmente, o GeMAP não foi chamado para conferir legitimidade acadêmica ou científica ao trabalho, as ações do coletivo no território prescindem dela.

O GeMAP foi chamado para alargar o debate, para em conjunto com o Imargem desenvolver um projeto na escala que o trabalho adquiriu, um projeto que contemplasse as atividades práticas no território numa perspectiva de ação programática intensa e extensa de longa duração. Acima de tudo o Imargem convidou o GeMAP para dar continuidade aos diálogos em várias frentes, de cultura e saberes periféricos à participação popular em projeto de intervenção urbana. Porém, este encontro em torno do projeto *Praça de Aulas* trouxe novas questões e novos desafios, principalmente para o grupo acadêmico de pesquisa.

As atividades da AI estão consolidadas e são de grande potência no cotidiano do Gaivotas, elas têm materialidade e juntam corpos em fazeres coletivos e territorializados, conduzidas por meio da partilha de saberes e tendo como método, a prática. Crianças e jovens do bairro aprendem velejar nas águas da Represa Billings orientados por quem aprendeu navegar, navegando. O mesmo em relação ao grafite, hip-hop, roda de samba, permacultura e todas as frentes de trabalhos dos coletivos na Associação. A raiz e o tronco metodológicos das atividades dos coletivos são o aprender fazendo.

Isto em absoluto significa que suas atividades são anencéfalas, muito pelo contrário! São sujeitos muito bem formados, pelo território e por instituições diversas, sabem nitidamente do que estão falando e o que estão fazendo, participam de redes de

coletivos de diversos territórios, participam de debates em meios acadêmicos e culturais dos centros da cidade. Contudo, de nada lhes serve a codificação de teorias endêmicas, colocam sobre o território e nas relações pessoais a sustentação conceitual de seus trabalhos. Por esta via movimentam conceitos canônicos da academia, especialmente o da *práxis* marxista, mas não só, também explicitam os métodos de aprender juntos das ideias de Paulo Freire, ou a partilha de saberes compreendida na teoria sobre estética e política de Jacques Rancière, e muitos outros. Mesmo porque conhecem e estudam autores diversos que articulam estes conceitos.

A questão que surge para o grupo de pesquisa é como manter o corpo unitário do diálogo e estabelecer um comum para a troca de saberes quando a prática já existe em forma e semântica. Em outras palavras, como agir enquanto grupo de pesquisa acadêmico sem que conceitos e teorias se sobreponham à *práxis*, não há contaminação, mas que consiga, na convivência participativa com ela, colocá-la na condição de produção de conhecimento.

O GeMAP tem pautados suas pesquisas pela articulação com a extensão universitária dialógica, propõe a investigação acadêmica porosa aos *saberes sujeitos* (Foucault, 1999). Temos longa experiência em trabalhos de extensão. No entanto, estes trabalhos são projetos em diálogo com comunidades externas, assim os desenvolvimentos das práticas em parceria consistem em procedimentos propostos pelo diálogo. No caso do Praça de Aulas, as práticas não só já existem, como são muito densas e consolidadas no território. O grande risco era, no contexto de projeto formal apresentado ao CNPq, mesmo que elaborado em conjunto, fraccionar a participação do GeMAP em construir discurso científico descolado da intensidade das ações no território. A precaução foi definir métodos atendendo a um duplo sentido, por um lado que atuasse propositivamente na massa de acontecimentos em andamento, por outro que constituísse avaliações metodológicas dos processos (ativos e dinâmicos). Ou seja, que friccionasse os protocolos de pesquisa científica com a criação de táticas de trabalho com o público diversificado do Jardim Gaivotas.

ESTRATÉGIAS E TÁTICAS

Michel de Certeau afirma que a *estratégia* “postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta”; ao contrário, a *tática* é “um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que se distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro.” (Certeau, 1998, p. 46)

Certamente está implícito nesse pensamento que elas não ocupam o mesmo tempo e espaço. Recorremos a ele porque esclarece definitivamente o desafio que nos colocamos: sincronizar metodologia e procedimentos no processo, sabendo que ambos estão em transformação pela *práxis*, ou seja, estratégia e tática devem estar no mesmo tempo e espaço, no mesmo acontecimento. Praticamente toda logística de pesquisa assenta-se sobre o trabalho empírico, o que promove desafios metodológicos em dois

sentidos: um, aflorar as bases teóricas ao nível da *práxis*; outro, promover a participação da comunidade, de forma consciente e crítica, nas atividades práticas. Nos dois sentidos o principal desafio é a multiplicidade de métodos.

Ao nível das estratégias, os protocolos da pesquisa científica sugerem a revisão bibliográfica para subsidiar seu problema, desenvolvimento e método, circunscritos em determinado estado da arte. Os regulamentos propõem o enquadramento no qual a pesquisa se encaixa nos panoramas teóricos de cada ambiente acadêmico. Porém, ao destacar o bibliográfico (referente ao texto escrito) na revisão, constrange-se a experiência prática como produção referente autônoma. Nos propomos nas táticas das ações produzir “as representações estratégicas que são [serão] oferecidas aos destinatários como produto final dessas operações”, aquelas “que escalonam a investigação prática” (Idem, p.51). Nos propomos destravar a polarização entre a operação de pesquisa e suas representações.

Em diferentes dimensões, momentos e estratégias a literatura que sustenta as pesquisas do GeMAP (sintetizada ao final desse texto) forneceu o enquadramento teórico para nossa atuação em conjunto com a Associação Imargem no território do Jardim Gaivotas. Estes momentos tanto se materializaram na produção do projeto Praça de Aulas enquanto definição estratégica, mas, efetivamente, todo o trabalho se sustentou nas táticas para sua realização, na organização, na ação e nas representações de suas múltiplas atividades. Os métodos foram sistematicamente reformatados pelos procedimentos que os colocavam em campo.

PROCEDIMENTOS

“Procedimentos: Maneiras de balizar uma tecnicidade de tipo particular e ao mesmo tempo situar o seu estudo em uma geografia atual da pesquisa” (Certeau)

A execução do Praça de Aulas foi em quatro etapas, cada uma com perímetros específicos de participação comunitária, de recorte temático / técnico e de espacialidade. Para cada uma delas foram elencados conjuntos de procedimentos específicos. Na primeira etapa foram realizadas oficinas com professores e estudantes da escola pública local. O conjunto de oficinas teve como objetivo a inserção do projeto na comunidade e, principalmente, configurar as táticas para as próximas etapas considerando as manifestações dos participantes nas oficinas. Os recortes temáticos atravessam as áreas de atuação da AI a partir de um enunciado sobre o território, multidisciplinar quantos as técnicas, mas com foco no enunciado de cada oficina: 1 - Ver, Ouvir, Sentir o território; 2 - Pensar e representar o território; 3 - Conhecer quem somos; e 4 - Inventar um mundo.

A etapa seguinte teve como embasamento metodológico as experiências da primeira. Por meio delas chegou-se a formatos absolutamente diferentes nesta etapa, ao invés de blocadas e no formato oficina optou-se por um acontecimento que denominamos festivais ou eventos, nos quais se processavam atividades diversas e sincrônicas. Foram grandes festas abertas a toda a comunidade com alto nível de participação e

com muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo entre a *casinha* e a represa. Foram realizados doze desses acontecimentos, cada um com seu programa, sua finalidade festiva-conceitual, mas todos com múltiplas atividades.

A terceira etapa foram os “Encontros na margem”, reuniões da comunidade na borda da represa, algumas delas com representantes da PMSP, sobre o projeto do Parque Linear e a espacialização da Praça de Aulas nela. A quarta foi o Seminário *Territórios da Praça: o espaço público e a educação nas periferias em debate*, encontro científico na FAU-USP.

Os festivais tiveram uma periodicidade, em média, mensal. Entre um e o próximo, além da pré-produção para este, o coletivo AI + GeMAP fazia reuniões regulares debatendo os procedimentos e a divulgação na comunidade, mas também conversas conceituais e de avaliação, incluindo convidados externos ao Gaivotas, por exemplo: Francisco Cabanzo, professor da UEB de Bogotá e coordenador de trabalho de extensão em Sumapaz; ou Juan Tetamanti, professor na Universidade da Patagônia, especialista em cartografia social. O projeto também foi visitado por grupos acadêmicos de eventos no período em São Paulo e por estudantes de outras escolas públicas da região, ampliando o raio de abrangência do projeto.

Não é possível aqui neste relato descrever cada uma dessas etapas e seus procedimentos, portanto recorro a duas atividades como exemplares de como as atividades em si, seus programas e objetivos, compunham os festivais, mas também como se organizavam como experiências construtivas e disciplinares para grupos que se formavam nas atividades. Em outra direção, como atividades circunscritas em ambientes regulamentados transbordaram para as práticas festivas.

O primeiro exemplo é de um evento na segunda etapa, o projeto da “Bicicloteca”. Desde o projeto para o edital de “divulgação científicocultural” do CNPq prevíamos a criação de uma biblioteca que circulasse pelo Gaivotas, pensávamos um cortejo próximo ao carnavalesco com a biblioteca, música, standartes e coreografia. Não existia o projeto de uma biblioteca numa bicicleta, existia uma ideia, um imaginário que foi se materializando em projeto, depois em construção e finalmente no cortejo. O processo de materialização em um longo período passou por diversas situações, muitas delas como parte de outros festivais. Primeiro realizamos debates em reuniões entre nós e com outros coletivos do Grajaú, foram grandes trocas e muito devaneio, mas absolutamente fundamental para criação de laços de camaradagem e, mais ainda, nos fazer acessar os desejos das pessoas para seus territórios. Se o que foi conversado se efetivasse, teríamos um centro cultural multidisciplinar ambulante pelas ruas do bairro.

Depois foram realizados quatro ateliês coletivo para a criação do dispositivo “bicicloteca”, alguns momentos estavam presentes os artistas do GeMAP e do AI, em outros estudantes convidados, em outros crianças que participavam de outras atividades invadiam o ateliê. O método e o dispositivo foram sistematicamente *profanados* (Aganbem, 2009), mas conseguimos chegar a um projeto para a execução. A construção do veículo biblioteca demandou outra série de encontros, da mesma forma

alguns aconteceram no entre-festivais, outros no próprio evento. Os objetivos desta desformatividade eram dois: propiciar ao objeto a multiplicidade de visões; e formar um coletivo em torno do projeto, como de fato se formou e se comprometeu com sua materialização.

O festival foi o dia do cortejo, no mesmo sábado a construção foi concluída, teve uma concentração na frente da casinha com música e dança, junto com o cortejo um grupo fazia uma passeata de bicicletas, uma das atividades com esportes da AI. Teve o tradicional almoço do coletivo *O que cabe no meu prato*, sempre um momento de magia e afetividades, cada prato é uma experiência de conhecimento da produção de agricultura local.

O projeto bicicleteca pode ser exemplar da configuração dos muitos procedimentos do Praça de Aulas no que diz respeito à sobreposição de estratégias e táticas, um procedimento, dispositivo armado em situações diferentes, exposto à manipulações diversas, parte contínua, parte disruptiva. Também é exemplar em ilustrar o caráter processual de todos os demais procedimentos: a ideia imaginação, a criação, o projeto, a construção, a catarse (Saviani, 2011). Outra evidência da bicicleteca é a inquestionável capacidade das expressões artísticas, criação e construção, em nivelar o diálogo entre saberes diversos.

Em circunstâncias muito diferentes, o outro exemplo, o Seminário, ilustra outras dimensões dos procedimentos, trata-se de quarta etapa dos trabalhos, realizada no prédio da FAU e com formatividade de encontro científico. Ele ilustra a desmontagem e remontagem deste formato pelos participantes desde que haja estímulo a ação direta no evento. É preciso destacar que os acontecimentos no seminário não foram previstos metodologicamente na sua formatação, foram erupções espontâneas.

Mas, também é necessário evidenciar que a estratégia de chamada para o evento abria frestas que viabilizaram a profanação do dispositivo. Primeiro, enfatizou-se que o encontro propunha a troca de experiências entre as práticas e teorias, segundo nos dirigimos à produção além da academia, EMEIs, coletivos, ONGs, cursinhos populares...

O resultado foi que além das comportadas sessões temáticas de seminários, algumas das apresentadoras de experiências levaram suas tribos. A FAU foi invadida por crianças abaixo dos 7 anos da EMEI Gabriel Prestes, em outra ocasião quinze adolescentes da EMEF Jardim Sipramar se sentaram na mesa para acrescentarem suas narrativas à apresentação de sua professora. Sabíamos que algumas pessoas levariam seus alunos ou parceiros, mas não tínhamos ideia dos níveis de transformações que as performances desses grupos causariam no evento e nos espaços da faculdade. Para nós do GeMAP a percepção foi de que estratégias e táticas estavam vivenciando o mesmo tempo e espaço.

LITERATURA BÁSICA - GeMAP

O Grupo foi criado em 2010 sobre quatro pilares teórico:

1. As teorias sobre a fruição e intervenção no urbano da Internacional Situacionista; 2. O conceito de território como produção de códigos e a territorialidade como recodificação, desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari; 3. A teoria literária de Mikhail Bakhtin do *cronotopo* na perspectiva de conjugar tempo e espaço nas representações; 4. A interpretação de Jacques Lacan da topologia amparando a ideia de mapas nos quais o visível e o invisível fazem parte de uma *fita de Möbius*.

Transversalmente a eles as obras mais recorrentes:

Sobre território:

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993

SANTOS, M. *O retorno ao território*. In: Santos, M., Souza, M. A. A., Silveira, M. L. (Org.) *Território – Globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 15 – 20

Experimentações com mapas:

ICONOCLASISTAS - <https://iconoclasistas.net/>

URBAN CATALYST - <https://www.theurbancatalysts.org/>

Pedagogia e extensão:

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011

Antropologia:

MAGNANI, J. G. *Festa no pedaço: cultura e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec, 2003

VELHO, G.: *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. R. Janeiro: Zahar, 1986

Metodologia de pesquisa:

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1986

TRIPP, D. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005

FOOTE-WHITE, W. *Treinando a observação participante*. In: Guimarães, Alba Z.(org). *Desvendando máscaras sociais*. R. Janeiro: Francisco Alves Ed, 1980

Fundamentação:

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009

CERTEAU M. de. *A invenção do cotidiano – Modos de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998

CUSICANQUI, S. R. *Sociología de la imagen: miradas ch'ixi desde la historia andina*. Buenos Aires: Tinta Limón Ed, 2010

DELEUZE, G., GUATTARI, F. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia Vol. 4*. São Paulo: Ed 34, 1997

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2005

GUATTARI, F. e ROLNIK, S. *Micropolítica Cartografias do Desejo* Petrópolis: Vozes, 1996

KOPENAWA, D e ALBERT, B. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Ed 34, 2009

[Membros do GeMAP envolvidos no projeto Praça de Aulas: Carlos Zunino (DO- História-FAU); Carolina Clasen (DO – História-FAU); Cauê Maias (artista, pós-doc-FAU); Fabiana Duffrayer (DO-História-FAU); Letícia Borém (DO-PlanUrb-FAU); Marcos Martins (artista e prof UFES); Luciano Figueiredo (filósofo, produtor cultural – UFABC); Mariana Pardo (ME-PlanUrb-FAU, concluído)

Bolsistas da graduação: Celso Pereira (AU), Natalia Hiromi (AU), Nicole Garcia (GEO), Larissa de Bessa (GEO), Beatriz Menezes (AU), Pedro de Sa Gilli (GEO), Lorena de Oliveira (GEO), Vitoria Costa (AU).



Ateliê da Margem – “Casinha” (Acevo GeMAP)



Reuniões na margem (Acevo GeMAP)



Oficinas (Acevo GeMAP)



Bicicloteca criação (Acevo GeMAP)



Bicicloteca construção (Acevo GeMAP)



Bicicloteca cortejo (Acevo GeMAP)



Seminário (Acevo GeMAP)